

CUSTO MAIOR PARA MULTINACIONAIS

Rio — A desvalorização do real, que chega a 53,7%, terá um impacto maior sobre o custo de produção das empresas estrangeiras do que sobre as de capital nacional. Isso porque as multinacionais do setor de tecnologia e de capital intensivo importam, em média, 31% dos componentes usados na fabricação de seus produtos. Já o nível de internacionalização da produção do total das empresas, incluindo as brasileiras, é de 24%.

Essas contas fazem parte de um levantamento sobre a estrutura de custos da indústria e a participação dos importados na produção do Brasil feito pelo economista Maurício Mesquita, um especialista do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em mercado externo.

As estatísticas de Mesquita abrangem desde o setor industrial com maior índice de internacionalização, o de instrumentos médicos-hospitalares, de precisão e óticos — 43% no total das companhias e 59% nas estrangeiras — até os produtos de metal, com menor índice de componentes importados — 11%. As indústrias de material eletrônico e de comunicações estão entre as mais afetadas pela desvalorização: importam 42% de seus componentes. A internacionalização é muito

superior à do setor automobilístico, que compra 21% de seus componentes fora do Brasil.

A primeira conclusão é de que o aumento de preços nesses setores será inevitável. A questão está em saber em que medida esses aumentos contaminarão o resto da economia. O reajuste dos preços relativos nos segmentos é inevitável e saudável, no entender dos especialistas. Mas não faz sentido que todos os demais setores também aumentem seus preços. “Isso, necessariamente, não tem que ocorrer”, disse Mesquita.

A segunda conclusão: as importações nesses setores cairão drasticamente. “A tendência é a de substituição de importações, o que não significa que as empresas brasileiras ficarão menos competitivas”, comentou o economista do BNDES. Na avaliação dele, a troca de componentes importados por nacionais na produção da indústria brasileira só ocorrerá se houver qualidade e preços competitivos. Como há poucas chances de isso deixar de ocorrer, nos próximos anos a composição dos produtos importados na produção nacional cairá significativamente.

“Considero que o impacto da desvalorização será positivo para as empresas, apesar da elevação dos

custos. O aumento de preços vai estimular novos investimentos, o que não era feito, porque as companhias trabalhavam com margens muito reduzidas. Aos preços anteriores, não era interessante para alguns setores investirem mais no país, uma vez que não podiam aumentar preços por causa da competição dos importados. Esses efeitos darão às empresas nacionais melhores condições de enfrentar uma economia aberta, a globalização. As exportações ficarão mais rentáveis”, disse.

Mesquita está convencido de que, pela primeira vez, há no Brasil os elementos necessários para uma economia aberta. No modelo anterior, a tendência era de déficits crescentes na balança comercial, uma vez que a participação dos importados no PIB é de 8%.

Entre os segmentos industriais com maior índice de componentes importados na sua produção estão a indústria química, que importou em 1998 US\$ 9,9 bilhões (US\$ 9,4 bilhões em 1997); o setor de veículos automotores e peças US\$ 5,6 bilhões (US\$ 5,4 bilhões em 97); material eletrônico, de telecomunicações e equipamentos US\$ 7,4 bilhões no ano passado (US\$ 8,2 bilhões em 97); máquinas e equipamentos industriais diversos, US\$ 3,5 bilhões em 1998 (em 97 US\$ 3,7 bilhões).